

Como foi antes referido, o crescimento das larvas dos lepidópteros faz-se através de mudas, processo no qual a cutícula velha, que envolve o corpo da lagarta, é descartada e dela emerge uma nova lagarta, completa com uma cutícula nova, mais elástica e de maior tamanho, que lhe permite crescer.

Da última muda das larvas, porém, não emerge uma lagarta: antes revela-se a *pupa*, ou crisálida, estágio da vida dos lepidópteros no qual a larva se transforma em imago, ou adulto – as borboletas que tão bem conhecemos (ou queremos conhecer!)

Por vezes, as larvas procuram um lugar onde as suas pupas possam passar despercebidas e, assim, evitar a predação. Outras vezes as pupas ficam apenas depositadas sobre troncos, ou folhas, entregues à sua sorte se não fora pelas suas cores discretas e formas bizarras. Muitas há – caso de muitos noctuídeos – que se enterram e pupam enterradas, ou apenas pousadas no solo.

Muitas vezes a formação da pupa ocorre dentro de estruturas construídas pelas larvas para as



*Charaxes jasius* (Linnaeus, 1767)

proteger: os casulos, que tão bem conhece quem já criou bichos-da-seda. Estes casulos podem ser formados pela agregação de partículas, minerais ou vegetais; noutros casos, as larvas produzem invólucros de sedas, dentro dos quais permanecem as pupas até à altura da eclosão; há ainda a possibilidade de as larvas usarem as sedas que produzem para construir uma espécie de “tenda”, dobrando uma folha e mantendo-a assim dobrada.



*Nycteola siculana* (Fuchs, 1899)



*Phylodesma suberifolia* (Duponchel, 1842)



*Watsonalla uncinula* (Borkhausen, 1790)



*Orgyia antiqua* (Linnaeus, 1758)



*Omphalophana serrata* (Treitschke, 1835)



*Eriogaster rimicola* (Denis & Schiffmüller, 1775)



*Saturnia pyri* (Denis & Schiffmüller, 1775)



*Pandesma robusta* (Walker, 1858)



*Zygana rhadamanthus* (Esper, 1789)



*Furcula bifida* (Brahm, 1787)

As estratégias que as borboletas adoptaram (melhor dizendo: as que o processo de evolução premiou com descendência), seguem muitas vezes as estratégias adoptadas pelas larvas durante o seu desenvolvimento. Assim, lagartas mineiras tendem a constituir as pupas dentro das galerias que escavam; lagartas que passam o dia enterradas ou escondidas na base das plantas de que se alimentam, tendem a formar aí as suas pupas; lagartas que confiam na sua capacidade mimética para passar despercebidas entre a vegetação, tendem a passar o seu período de pupa entre a vegetação que as larvas consumiam; etc.



*Cyclophora pupillaria* (Hübner, 1799)

O tempo que decorre entre a formação da pupa e a emergência do imago é muito variável, entre alguns dias, meses ou mesmo anos, dependendo da espécie. Há espécies que se reproduzem continuamente ao longo do ano, e outras há que completam um único ciclo anual, ou dois, ou três, podendo inclusivamente este número depender das condições meteorológicas do ano. Os tempos mais longos pertencem às espécies que hibernam na forma de pupa.

O aspecto da pupa reflecte a anatomia do adulto, como se se tratasse de um "rascunho" do que virá a ser. Olhando com atenção, podemos identificar nela as estruturas que mais tarde serão características no imago, como se pode ver na foto abaixo de uma pupa de *Saturnia pavonia* (Linnaeus, 1758).

